



FACULDADE DE EDUCAÇÃO
Departamento de Organização e Gestão da Educação
Acurso de Licenciatura em Organização e Gestão da Educação

Monografia

Análise do Programa de Promoção de Inclusão Escolar de Alunos da 11ª Classe com Deficiência Visual: Caso da Escola Secundária de Malhazine – Cidade de Maputo (2022)

Ana Martins Magaia Tembe

Maputo, Junho de 2025

UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE ORGANIZAÇÃO E GESTÃO DE EDUCAÇÃO

Licenciatura em Organização e Gestão de Educação

Licenciatura em Organização e Gestão da Educação

Esta Monografia é apresentada em cumprimento dos requisitos parciais para a obtenção do grau de Licenciatura em Organização e gestão de Educação

Análise do Programa de Promoção de Inclusão Escolar de Alunos da 11ª Classe com Deficiência Visual na Escola Secundária de Malhazine, cidade de Maputo (2022)

Autor: Ana Martins Magaia Tembe

Supervisor: Mestre Francisco Machel

Maputo, Junho de 2025

Índice

Declaração De Honra	vi
Dedicatória	vii
Agradecimentos.....	viii
Lista das Siglas.....	ix
Lista de Tabelas.....	10
Lista de Imagens.....	11
Resumo.....	12
CAPÍTULO I: INTRODUÇÃO	13
1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO.....	13
1.2 Problema de Pesquisa	16
1.2.1 Objectivo Geral.....	17
1.3 Perguntas de Pesquisa.....	18
1.4 Justificativa.....	18
CAPÍTULO II: REVISÃO DA LITERATURA	20
2.1 Definição de Conceitos-chave	20
2.1.1 Visão	20
2.1.2 Deficiência.....	21
2.1.3 Deficiência Visual	21
2.1.4 Pessoa com Deficiência	22
2.1.5 Tecnologias Assistivas.....	23
2.2 Processo de Ensino e Aprendizagem	23
2.3 Processo de Ensino de alunos com deficiência visual	23
2.4 Estratégias pedagógicas usadas no processo de inclusão de alunos com deficiência visual.....	26
2.5 Condições de mobilidade existentes na escola	28

CAPÍTULO III: METODOLOGIA	31
3.1 Descrição do local de estudo.....	31
3.2 Tipo de pesquisa	31
3.2.1 Quanto a natureza	31
3.2.2 Quanto a abordagem	32
3.2.3 Quanto aos objectivos.....	32
3.2.4 Quanto aos procedimentos e técnicas	33
3.3 Instrumentos e técnicas de recolha de dados	33
3.3.1 Inquérito por questionário.....	33
3.3.2 Guião de entrevista	34
3.3.3 Observação directa.....	34
3.3.4 Análise documental	35
3.4 Técnica de análise de dados.....	35
3.5 População e amostra	36
3.5.1 População.....	36
3.5.2 Amostra.....	36
3.6 Procedimentos éticos da pesquisa.....	37
3.7 Caracterização e especificidade dos resultados	38
CAPÍTULO IV: APRESENTAÇÃO E DISCUÇÃO DOS RESULTADOS	40
4.1 Dados socio demográficos	40
4.1.1 Professores	40
4.1.2 Direcção da Escola	41

4.1.3 Alunos da Turma Inclusiva.....	41
4.2 PEA de alunos com deficiência visual.....	41
4.2.1 Dados da Direcção da escola	41
4.2.2 Professores	42
4.2.3 Dados dos alunos sem Deficiência	43
4.2.4 Dados do alunos com Deficiência	44
4.3 Condições de mobilidade e orientação existentes	45
4.3.1 Dados da Direcção da escola	45
4.3.2 Dados dos alunos sem deficiência	45
4.3.3 Dados da aluna com deficiência visual.....	46
4.4 Recursos e Organização Educativa de Escola	47
CAPITULO V: CONCLUSÃO E RECOMENDAÇÕES.....	49
5.1 Conclusão	49
1.2 Recomendações	51
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	52
Apêndice 4: questionário dirigido aos alunos sem deficiência visual.....	66

Declaração De Honra

Declaro por minha honra que a presente monografia nunca foi apresentada, na sua essência, em nenhuma outra instituição para obtenção de grau académico e que o mesmo é resultado da minha investigação e orientações do meu supervisor, o seu conteúdo é original, e todas as fontes consultadas estão devidamente mencionadas no texto e nas referências bibliográficas.

Maputo, 02 de Junho de 2025

(Ana Martins Magaia Tembe)

Dedicatória

Dedico este trabalho aos meus pais: **Martins Magaia** e **Creta Magaia** (*em memória*) pela insistência na minha formação.

Agradecimentos

Ninguém vive sozinho, realiza sozinho ou é feliz sozinho. Portanto, registo aqui meus sinceros agradecimentos:

A Deus, por me conceder a sabedoria, saúde, persistência e oportunidade de concluir esta etapa tão importante na minha vida académica.

A minha família, Januário Tembe (esposo), Rejoice, Liah, Creta e Luana Tembe (filhas) pela paciência que tiveram ao longo da minha ausência e pelo companheirismo e amizade.

A minha gratidão vai aos professores do Curso de Licenciatura Em Organização e Gestão da Educação, do Departamento de Organização e Gestão da Educação, da Faculdade de Educação da Universidade Eduardo Mondlane que, com a sua mestria, souberam orientar-me e transmitir os conteúdos com toda paciência e pela forma que conduziram este percurso académico. A todos o meu muito obrigado!

Estendo os meus agradecimentos especiais ao meu supervisor Mestre Francisco Machel pelo apoio, pela paciência e confiança demonstrada a quando da orientação desta monografia, sem condicionalismos e pelas aprendizagens durante o estudo do caso.

Os meus agradecimentos são também extensivos aos colegas do trabalho da Faculdade de Educação pela partilha do material de formação e pela força concedida. Aos colegas do curso, em especial ao Dilério Vilanculo, endereço o meu muito obrigado por toda aprendizagem compartilhada.

Agradeço, igualmente, a toda equipe de funcionários da Faculdade de Educação da Universidade Eduardo Mondlane, pelo acolhimento e amizade durante a minha formação.

Não menos importante, agradeço a comunidade escolar da Escola Secundária de Malhazine em especial da turma inclusiva da 11ª Classe de 2022, turma A, pela oportunidade e colaboração que me deu para desenvolver o estudo.

Muito obrigado a todos!

Lista das Siglas

CTA	Corpo Técnico Administrativo
DV	Deficiência Visual
ESM	Escola Secundaria de Malhazine
EI	Educação Inclusiva
FACED	Faculdade de Educação
NEE	Necessidades Educativas Especiais
SNE	Sistema Nacional de Educação
PEA	Processo de Ensino e Aprendizagem
PNEE	Pessoa com Necessidades Educativas Especiais
UEM	Universidade Eduardo Mondlane
MINEDH	Ministério de Educação e Desenvolvimento Humano

Lista de Tabelas

Tabela 1: População da Escola Secundária de Mahlazine	32
Tabela 2: Amostra selecionada	33
Tabela 3: dados dos alunos sem deficiência	39
Tabela 4: Dados dos alunos com deficiência.....	40

Lista de Imagens

Figura 1: Sistema braille	25
Figura 2: Instrumento adaptado para alunos com deficiência visual.....	26

Resumo

A inclusão escolar é uma das formas que permite a participação de todos os alunos em pé de igualdade e equidade. A inclusão discutida neste trabalho está relacionada com o processo de ensino e aprendizagem de alunos com deficiência visual. Entende-se por deficiência visual como sendo a limitação física ou por outra é a incapacidade de não ver, seja, a curto, médio ou a longo alcance sobre um determinado objecto, o que vai influenciar a não participação na sociedade em termos de igualdade com os demais membros dessa mesma sociedade. Tem como tema do nosso estudo, inclusão escolar de alunos com deficiência visual no ensino regular, na Escola Secundária de Malhazine. O estudo foi feito com alunos da 11ª Classe da turma A. Os resultados deste estudo mostram que, naquela escola, a inclusão é quase inexistente devido à falta de material, à não formação dos professores em matéria de braille entre outros. Este trabalho tem como objectivo, analisar o processo de Promoção do Programa de Inclusão Escolar dos alunos da 11ª classe com deficiência visual, na Escola Secundária de Malhazine, na cidade de Maputo. Para que haja inclusão efectiva no processo de ensino e aprendizagem de alunos com deficiência visual é necessário que a escola pautem em formar os professores e equipar a escola com material que responda às necessidades do aluno com deficiência visual.

Palavras-chave: Inclusão escolar, deficiência visual, Processo de ensino e aprendizagem

CAPÍTULO I: INTRODUÇÃO

1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO

Este trabalho tem como ponto inicial a observação de actividades desenvolvidas na inclusão escolar de alunos com deficiência visual no ensino regular, na Escola Secundária de Malhazine, sita no bairro de Malhazine, na turma “A” da 11ª Classe. O trabalho em questão versa sobre o programa de promoção de inclusão escolar de crianças com deficiência visual nas escolas regulares diante do desafio da inclusão, especificadamente, o processo de inclusão de alunos com deficiência visual na escola regular.

Justifica-se a escolha desse tema, como forma de entender como se processa a inclusão de pessoas com deficiência visual na rede regular de ensino, perante uma sociedade que precisa vencer preconceitos, rever valores e buscar novos paradigmas diante de uma educação para todos.

É importante que se verifique ainda se na prática existem condições necessárias de acessibilidade para aprendizagem, atendimento apropriado para o desenvolvimento integral de potencialidades e habilidades na escolarização dos alunos e, principalmente, se a inclusão propicia essa aprendizagem.

A pesquisa objectiva também analisar as práticas pedagógicas do professor diante desse desafio, que se refere a uma escola para todos sem exclusão. Uma escola que deve preparar o aluno para que possa viver com a diversidade, considerando que todos somos diferentes.

Também a pesquisa justifica-se, para abrir espaços à viabilização da inclusão escolar e ouvir os professores sobre as dificuldades e as estratégias no processo de inclusão de alunos com deficiência visual, assim como verificar até que ponto o uso das tecnologias assistivas (leitor de

tela¹, Computador², Celular³, Reglete³, Áudio descrição⁴, Scâner comum⁵, Áudio livro⁶, Daisy⁷ e outros), contribuem para proporcionar ou ampliar habilidades funcionais do aluno com deficiência visual e conseqüentemente promover vida independente e inclusão. Assim será possível reflectir sobre a superação ou remoção das barreiras, para a consolidação da inclusão escolar nos espaços de aprendizagem do ensino regular das escolas públicas, contribuindo para práticas educativas verdadeiramente inclusivas.

A preocupação de educar pessoas com deficiência em Moçambique começa na década 60, com a criação de Escolas Especiais N° 1 na então Cidade de Lourenço Marques actual Maputo, ao abrigo do Diploma Legislativo n.º 2.288/62, de 25 de Setembro. Estas escolas visavam "recuperar crianças em que se verificassem atrasos de educação". Moçambique, à luz da defesa dos direitos constitucionais da pessoa com deficiência e/ou com NEE, a Lei n° 6/92, de 6 de Maio, a Lei do SNE, tem vindo a ratificar, conceber e implementar instrumentos normativos que regulam e orientam a promoção e implementação da educação inclusiva e desenvolvimento integral da pessoa com deficiência e/ou NEE.

Para autores como Guebert e Rodrigues (2021) entendem por exclusão deve ser entendida e vivenciada como um princípio vital que se aplica a todas as situações do convívio social, onde a sociedade privada de promove acções colaborativas, não garante a participação, não cria políticas públicas.

Desta forma, a exclusão não permite a participação plena do indivíduo na sociedade em que esta inserido. Dai que uma a inclusão tem como fundamento o reconhecimento dos direitos de todas as pessoas, ressaltando que elas são parte integrante da sociedade.

¹ *Software* capaz de reproduzir sonoramente todo tipo de informação presente em tela

² Tecnologia capaz de agregar *software* com reprodução de áudio, Identificador luminoso - ampliadores de texto e etc., ³ Aparelho portátil que hoje apresenta quase que as mesmas funções de um computador com *softwares* inclusivos e modernos.

³ Dispositivo de madeira ou plástico que apresenta estrutura para a escrita manual em braile.

⁴ Tecnologia que permite o acesso a conteúdos diversos através do áudio.

⁵ Equipamento que transforma textos impressos ou escritos em textos digitais.

⁶ Gravações em áudio de livros, Conversor de voz para texto - Software que captura, identifica e decodifica os caracteres de voz para texto

⁷ Tecnologia que é capaz de conjugar correctamente a descrição de textos, imagens e diversos.

Em 1983, Moçambique aprovou a Lei nº 4/83, de 23 de Março, a Lei do Sistema Nacional de Educação (SNE). Esta lei dava primazia a realização da Educação Especial em escolas especiais, por isso, ao abrigo desta, os alunos graduavam-se no 1º grau do Ensino Primário nas escolas especiais, depois eram integrados em escolas regulares.

Em 1992, com a aprovação da Lei nº 6/92, de 6 de Maio, a Lei do SNE, Moçambique apresentou uma nova visão no que concerne à educação da pessoa com deficiência e/ou NEE. Esta lei determina a inclusão da pessoa com deficiência e/ou NEE nas escolas regulares, deixando para as escolas especiais, apenas, aluno com deficiência acentuada. Neste contexto, em 1998, implementou-se o Projecto-piloto "Escolas Inclusivas". Posteriormente, o projecto foi transformado em Programa Nacional de Educação Inclusiva.

Em 2018 a República de Moçambique, aprovou a Lei 18/2018 de 28 de Dezembro, que reafirma no seu Artigo 3 alínea a) que *"a educação, cultura, formação e desenvolvimento humano equilibrado e inclusivo é direito de todos os moçambicanos"*. No artigo 4 alínea f) *"inclusão, equidade e igualdade de oportunidades em todos os subsistemas de ensino e na aprendizagem de alunos com necessidades educativas especiais"*;

Assim, o processo de inclusão surge como um avanço em relação ao movimento de integração escolar, que pressupunha o ajustamento da pessoa com deficiência para sua participação no processo educativo desenvolvido nas escolas comuns; a inclusão postula uma reestruturação do sistema educacional, ou seja, uma mudança estrutural no ensino regular, cujo objectivo é fazer com que a escola se torne inclusiva, um espaço democrático e competente para trabalhar com todos os educandos, sem distinção de raça, classe, género ou características pessoais, baseando-se no princípio de que a diversidade deve ser não só ser aceita como desejada (CEB, 2001).

Esta Monografia é constituída por cinco capítulos sendo:

No primeiro capítulo, fazemos uma breve contextualização do trabalho, problematização assim como dos objectivos gerais e específicos, Perguntas de Pesquisa e a Justificativa.

No segundo capítulo, aborda o quadro teórico que suporta o estudo, as definições dos conceitos-chaves arroladas nesta monografia de modo a permitir a realização deste trabalho com suporte a um vasto conhecimento científico na área em estudo.

No terceiro capítulo apresenta-se a metodologia que foi usada para a efectivação da pesquisa. Faz a descrição do local do estudo, do tipo de pesquisa quanto à natureza, abordagem, objectivo e procedimentos. Mais adiante falará dos instrumentos e técnicas de recolha de dados, da técnica de análises de dados, da população e amostra dos procedimentos éticos e por fim do cronograma de actividades.

No quarto capítulo, discutimos as aprendizagens resultantes do estudo, dados demográficos dos participantes, o processo de Ensino e Aprendizagem da aluna com deficiência visual, do ponto de vista da Direcção da escola, dos professores, dos alunos sem deficiência da aluna com deficiência visual, as condições de mobilidade e orientação existentes na escola para alunos com deficiência visual, os recursos e organização educativa da escola, no que se refere a escola e por fim as estratégias para o processo de inclusão de alunos com deficiência visual.

Por fim, no quinto capítulo, apresentamos as conclusões e as recomendações.

1.2 Problema de Pesquisa

Ao pensar em inclusão, automaticamente vem a ideia de exclusão. De acordo com Sawaia (2006), esses conceitos são faces de uma mesma moeda⁸, visto que a busca por essa inclusão só é válida diante da exclusão presente. Compreender que essa dicotomia dá-se devido a nossa cultura, ao nosso processo histórico e alguns conceitos formados como: perfeição, normal, anormal, deficiente, etc. que permanecem enraizados em algumas pessoas, criando uma enorme barreira entre o aluno com necessidades especiais e o desenvolvimento de aprendizagem.

Para combater essa exclusão urge a ideia da educação inclusiva. Esta baseia-se no direito de cada indivíduo constatado na Declaração Universal dos Direitos Humanos (Art. 26/1948) e na Declaração de Salamanca (Conferência Mundial, 1994). Nesses documentos a educação é

⁸ Se existe inclusão é porque houve a exclusão e se há exclusão logo, a tendência das massas é criar a inclusão.

compreendida como um direito fundamental de todas as crianças, jovens e adultos, seja quais forem suas idades, sexo, etnia, religião, condição socioeconómica ou deficiência.

De acordo com a Lei 18/2018 de 28 de Dezembro do Sistema Nacional de Educação, preconiza o seguinte: Uma Escola Inclusiva é aquela que reconhece que todos indivíduos podem aprender, aquela que respeita a diferença dos indivíduos: sexo, idade, etnia, língua, deficiência, inabilidade, classes social, estado de saúde, estrutura, sistemas, metodologias que atendam as necessidades de todos e ainda existência e humanos.

A quando da testagem dos instrumentos da recolha de dados constatou-se que na escola em causa observa se a não capacitação dos professores em sistema de escrita Braille, falta de material adequado para atender as necessidades de alunos com deficiência visual.

Nessa perspectiva, ao pesquisar especificamente sobre deficiência visual, levanta-se o seguinte problema de pesquisa: *até que ponto o Programa de Promoção de Inclusão Escolar beneficia os alunos da 11ª classe com deficiência visual, na Escola Secundária de Malhazine?*

1.2.1 Objectivo Geral

- Analisar o processo de Promoção do Programa de Inclusão Escolar dos alunos da 11ª classe com deficiência visual, na Escola Secundária de Malhazine, na cidade de Maputo no ano de 2022.

1.2.2 Objectivos específicos

- Descrever o Processo de Ensino e Aprendizagem de alunos com deficiência visual na Escola Secundária de Malhazine em turmas inclusivas.
- Caracterizar as condições de aprendizagem dos alunos com deficiência visual existentes na escola.
- Discutir as percepções dos professores, gestores escolares e alunos sobre o programa de inclusão escolar dos alunos com deficiência visual.

1.3 Perguntas de Pesquisa

- Como é que ocorre o Processo de Ensino e Aprendizagem de alunos com deficiência visual da 11^a classe da Escola Secundária de Malhazine?
- Como são as condições de aprendizagem existem na escola para alunos com deficiência visual?
- Que percepções têm os professores, gestores escolares e alunos sobre o programa de inclusão escolar dos alunos com deficiência visual?

1.4 Justificativa

Para escolha deste tema, sendo que a primeira razão se prende com a abordagem demasiadamente generalista com que se tratam o tema sobre as Necessidades Educativas Especiais. De acordo com algumas pesquisas e consultas realizadas, dentre as quais, o estudo do Oliveira (2005), Santos (2015), Lacerda & Silva (2016), sobre o processo de inclusão de alunos com deficiência visual, constatou-se que a tendência é enfatizar os aspectos gerais das Necessidades Educativas Especiais (NEE). Posto isso, acha-se pertinente orientar a investigação para uma área específica de Necessidades Educativas Especiais, mais concretamente a deficiência visual, com isso quer também participar na descoberta de práticas adequadas para educação de crianças, jovens e adultos com deficiência Visual.

Outra razão não menos importante prende-se com a minha vivência profissional por muito tempo na área da deficiência auditiva. Nesta área, existem muitos trabalhos académicos feitos pelos estudantes do curso de licenciatura em língua de sinais de Moçambique, assim como na formação de professores e intérpretes de língua de sinais e em contrapartida a área de deficiência visual continua sendo negligenciada.

Contudo, no dia 15 de Outubro de 2019, a quando da celebração do dia da Bengala Branca, alguns estudantes do curso de Licenciatura em Língua de Sinais de Moçambique, na companhia de intérpretes e docentes, participaram num evento organizado pela escola Secundária de

Malhazine onde, ao longo do evento fomos percebendo que, a escola tem acolhido alunos com deficiência visual.

Em conversa com um dos alunos com deficiência visual a frequentar naquela escola. Este mostrou-se preocupado no que tange a falta de material para a escrita do sistema Braille, falta de formação e capacitação dos professores para lidar com este tipo de deficiência.

Sendo uma pessoa que trabalho na área de educação inclusiva suscitou uma preocupação em analisar o programa de promoção de inclusão escolar de alunos com deficiência visual numa escola regular, nomeadamente, escola Secundária de Malhazine.

A carência de estudo de foro científico nesta temática específica em Moçambique, está na base da escolha, assim, pretende contribuir nos conhecimentos desta temática. Por último, com este estudo, tenciona promover a inclusão de qualidade oferecida às pessoas com deficiência visual. De salientar que na Cidade de Maputo (área de pesquisa) só existem duas escolas que acolhem crianças e jovens com deficiência visual, nomeadamente a Escola Secundária de Malhazine e a Escola Secundária de Solidariedade.

CAPÍTULO II: REVISÃO DA LITERATURA

O presente capítulo aborda o quadro teórico que suporta o estudo, as definições dos conceitos-chaves arroladas neste projecto de monografia de modo a permitir a realização deste trabalho com suporte a um vasto conhecimento científico na área em estudo.

2.1 Definição de Conceitos-chave

2.1.1 Visão

Segundo Mendonça *et al* (2008):

“A visão integra todos os estímulos que recebemos através dos outros sentidos. No caso das crianças cegas ou com graves limitações visuais, a maior parte da informação é recebida através da linguagem oral e pelo sentido do tacto, o que confere a estas crianças características perceptivas próprias, necessitando por isso de estimulação adicional e/ou da criação de situações ambientais que conduzam à criação de contextos educativos favoráveis e, portanto, mais propícios à apreensão de estímulos do meio ambiente” (Mendonça et al 2008: 67).

A visão é um sentido muito importante para o entendimento do mundo por ser humano, pois, a maior parte das nossas experiências é carregada de informações visuais. Quando recebemos um aluno com deficiência visual em nossas salas regulares, é importante sabermos que teremos um longo caminho pela frente, até que façamos todas as adaptações necessárias.

Na visão de Melo (1991), a deficiência visual é caracterizada por perda parcial (visão subnormal ou baixa visão).

Quer concordar com Mendonça *et al* (2008), quando estes, afirmam que as crianças com deficiências visuais enfrentam dificuldades de várias ordens, por isso, devem-se-lhes ser proporcionadas um contexto educativo próprio e adequado às suas deficiências, que lhes permitam obter maior número de informação através da linguagem oral e pelo sentido de tacto.

2.1.2 Deficiência

Deficiência é um fenómeno complexo, que resulta da interacção entre impedimento físico, intelectual ou sensorial e as barreiras ambientais e comportamentais que dificultam a participação plena e efectiva das pessoas com deficiência na sociedade (Convenção Internacional sobre os Direitos da Pessoa com Deficiência, 2006).

Para Amaral (1998), deficiência é a diferença significativa, o desvio, anomalia, anormalidade, e, em consequência o ser/estar diferente ou desviante, ou anómalo ou anormal, pressupõem a eleição de critérios sejam eles estatísticos, de carácter estrutural ou funcional assim como de cunho psicossocial.

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS) 2004, deficiência, é uma perda ou anormalidade de uma estrutura do corpo ou de uma função fisiológica incluindo funções mentais.

Está de acordo com a Convenção Internacional sobre os Direitos da Pessoa com deficiência, quando afirma que deficiência é um fenómeno complexo que resulta da interacção entre impedimento físico, intelectual ou sensorial e as barreiras ambientais e comportamentais que dificultam a participação plena e efectiva das pessoas com deficiência na sociedade.

2.1.3 Deficiência Visual

Para a OMS (2012), deficiência visual pode ser definida como a perda total ou parcial da visão, podendo variar em dois graus (cegueira e baixa visão), bem como em dois tipos (congénita ou adquirida). O indivíduo com deficiência visual possui uma diminuição da visão de forma irreversível. Consequentemente, a pessoa possui algumas restrições em relação às suas habilidades e à vida cotidiana de maneira geral, tais como a sua velocidade de trabalho, sua mobilidade, sua capacidade de orientação espacial e de realizar tarefas que requerem o uso da visão.

Para Maciel (1997) deficiência visual é a diminuição significativa da capacidade de ver, com redução muito significativa do campo visual e da sensibilidade aos contrastes e limitação de outras capacidades. Ela pode ser parcial ou total.

Os autores a cima citados comungam que, a perda da visibilidade que pode ocorrer sob duas perspectivas a saber: perda parcial e/ou total da visão. E aspectos que divergem são os seguintes: o primeiro autor aborda sobre a limitação do campo visual o que pode levar a cegueira e no segundo define como sendo a diminuição significativa da capacidade de ver. Tendo em conta os vários conceitos acima abordados pode se entender que, deficiência visual é a perda parcial ou total da visão. Assim sendo, a deficiência visual é a perda da visão que pode ocorrer a partir de doença, hereditariedade e até por acidente.

2.1.4 Pessoa com Deficiência

Para a Convenção Internacional sobre os Direitos da Pessoa com Deficiência, 2006 a Pessoa com Deficiência, é aquela com limitações físicas, intelectuais ou sensoriais a longo prazo, que em interação com barreiras diversas possam dificultar a sua total e efectiva participação na sociedade em termos de igualdade com as demais pessoas”

Segundo a OMS (2012), pessoas com deficiência são aquelas que têm impedimentos de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, os quais, em interações com diversas barreiras, podem obstruir sua participação plena e efectiva na sociedade com as demais pessoas.

Sobre o mesmo conceito, Battistella (2013) afirma que pessoas com deficiência são aquelas que têm impedimentos de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, os quais, em interação com diversas barreiras, podem obstruir sua participação plena e efectiva na sociedade em igualdades de condições com as demais pessoas.

Assim sendo, a pessoa com deficiência é a pessoa com limitações de longo prazo, que podem ser de natureza física, mental, intelectual ou sensorial que em contacto com o ambiente social não preparado para todos (desenho universal), enfrenta barreiras para a sua plena participação plena e efectiva na sociedade em igualdades de condições com as demais pessoas.

2.1.5 Tecnologias Assistivas

Segundo Bernardo, Garcez e Santos (2019), tecnologia assistiva (TA) é um termo utilizado para identificar todo o arsenal de recursos e serviços que contribuem para proporcionar ou ampliar habilidades funcionais de pessoas com deficiência e consequentemente promover vida independente e inclusão.

A tecnologia assistida é uma das tentativas de neutralizar as barreiras causadas pela deficiência, que possibilitaria a inserção do indivíduo em ambientes ricos para a aprendizagem, oriundos da cultura. O acesso aos mesmos bens que as demais pessoas têm é um direito que não pode ser tirado das pessoas com deficiência, mesmo que o modo de organizar as actividades seja repensada e modificada tendo em conta a cada tipo de deficiência. Esta acessibilidade promove a inclusão, a equiparação de oportunidades e o exercício da cidadania para todos (Dos Santos *et al*, 2017).

Na mesma onda de pensamento, Bersch (2017) afirma que a tecnologia assistiva deve ser entendida como um auxílio que promoverá a ampliação de uma habilidade funcional deficitária ou possibilitará a realização da função desejada e que se encontra impedida por circunstância de deficiência ou pelo envelhecimento. A tecnologia assistida proporcionar à pessoa com deficiência maior independência, qualidade de vida e inclusão social, através da ampliação de sua comunicação, mobilidade, controle de seu ambiente, habilidades da sua aprendizagem e trabalho.

Na óptica dos autores, entende-se por tecnologias assistidas como instrumentos auxiliares para a locomoção, a comunicação entre outros aspectos que permitam ao gozo pleno da vida.

2.2 Processo de Ensino e Aprendizagem

2.3 Processo de Ensino de alunos com deficiência visual

No processo de ensino e aprendizagem de alunos com deficiência visual, a utilização de estratégias de ensino deve considerar algumas actividades predominantemente visuais, devem ser adaptadas com antecedência e outras durante a sua realização por meio de descrição, informação

táctil, auditiva, olfactiva e qualquer outra referência que favoreçam a configuração do cenário ou do ambiente.

É o caso, por exemplo, de exibição de filmes ou documentários, excursões e exposições. A apresentação de vídeo requer a descrição oral de imagens, cenas mudas e leitura de legenda simultânea para que as lacunas sejam preenchidas com dados da realidade e não apenas com a imaginação. É recomendável apresentar um resumo ou contextualizar a actividade programada para esses alunos (Sá, Campos & Silva 2007, p. 25).

Para a educação dos deficientes visuais, os seus manuais apresentam esquemas, símbolos e diagramas que devem ser transmitidos por meio da áudio descrição⁹. Os desenhos e as ilustrações são representados em relevo. O ensino de língua estrangeira deve priorizar a conversação e sempre que for utilizar recursos didácticos visuais, estes devem ser descritos oralmente. Experiências de ciências e biologia devem remeter ao conhecimento por meio de outros canais de recolha de informação. As actividades de educação física podem ser adaptadas com o uso de barras, cordas, bolas com guiso etc.

Actividades artísticas que envolvem expressão corporal, dramatização, arte, música podem ser desenvolvidas com pouca ou nenhuma adaptação. Por meio das estratégias adequadas e recursos adaptados, os alunos com deficiência visual podem e devem participar de praticamente todas as actividades com diferentes níveis e modalidades de adaptação que envolvem criatividade, confecção de material e cooperação entre os participantes e para a realização de cálculos é indicado o uso do sorobã (Sá; Campos & Silva 2007).

O uso de tecnologias assistivas na literatura como na prática proporciona ou ampliam habilidades funcionais de pessoas com deficiência visual. Dentre vários identificaram uma grande quantidade de TA utilizadas para o ensino de alunos com deficiência visual, onde podemos destacar os *softwares* de leitura de tela de computador, os aplicativos que possibilitam acessibilidade nos

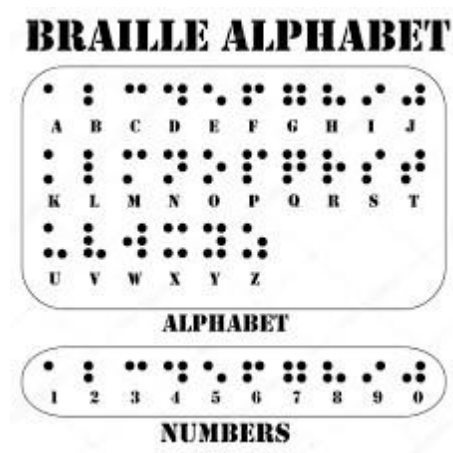
⁹ A audiodescrição é um dos recursos de acessibilidade comunicacional. Ela é modalidade intersemiótica que transforma o visual em verbal. Essa tecnologia assistiva amplia o entendimento e o acesso à cultura e informação de pessoas cegas e faz com que elas sejam incluídas em todas as áreas da sociedade (Carpes 2016).

smartphones, materiais concretos, grafo-tácteis, *soroban*, leitura e escrita no Sistema Braille, reglete e punção e até as mais simples bengalas que auxiliam os cegos em sua locomoção.

Belarmino (2001) entende por **Sistema Braille** meio adequado e natural de leitura e escrita das pessoas cegas, insubstituível e deve ser a espinha dorsal, tanto dos processos de ensino/aprendizagem da criança cega. É um sistema universal de códigos que permite a leitura e a escrita das pessoas cegas. Foi criado na França, em 1825, por um estudante cego Louis Braille. Baseia-se na combinação de 63 pontos que representam as letras do alfabeto, os números e outros símbolos gráficos.

A combinação dos pontos é obtida pela disposição de seis pontos básicos, organizados espacialmente em duas colunas verticais com três pontos à direita e três à esquerda de uma cela básica denominada cela Braille. A escrita em Braille, codificação em relevo é feita por meio de uma pauta e punção, por uma máquina de escrever Braille ou computador adaptado.

Figura 1: Sistema braile



Fonte: imagem da internet.

Segundo Bernardo, Garcez e Santos (2019), o sistema de escrita em relevo conhecido pelo nome de "Braille" é constituído por 63 sinais formados a partir do conjunto matricial = (pontos 123456). Este conjunto de seis pontos chama-se, por isso, sinal fundamental. O espaço por ele ocupado, ou por qualquer outro sinal, denomina-se cela braille ou célula braille e, quando vazio, é

também considerado por alguns especialistas como um sinal, passando assim o sistema a ser composto por 64 sinais.

Para facilmente se identificarem e se estabelecer exactamente a sua posição relativa, os pontos são numerados de cima para baixo e da esquerda para a direita. Os três pontos que formam a coluna ou fila vertical esquerda, 1, têm os números 1, 2, 3; aos que compõem a coluna ou fila vertical direita, 2, cabem os números 4, 5, 6. Os números dos pontos dos sinais braille escrevem-se consecutivamente, com o sinal de número apenas antes do primeiro ponto de cada cela.

De acordo com Bruno (2006), *sorobã* é um instrumento para cálculo que surgiu na Grécia por volta do século III A.C. O sorobã adaptado para alunos com deficiência visual contém cinco contas por eixo e borracha compressora para deixar as contas fixas, permitindo a leitura táctil.

Figura 2: Instrumento adaptado para alunos com deficiência visual



Fonte: Imagem da internet.

2.4 Estratégias pedagógicas usadas no processo de inclusão de alunos com deficiência visual

Para trabalhar com alunos com deficiência visual é necessário fazer algumas adaptações, desenhos, gráficos, planilhas, ou seja, tudo que não se pode escrever em Braille tem de estar em alto-relevo. “A disponibilidade de recursos que atendam ao mesmo tempo às diversas condições visuais dos alunos pressupõe a utilização do sistema Braille, de fontes ampliadas e de outras alternativas no processo de aprendizagem”. (Sá et al, 2007, p.27).

Trabalhar com os materiais concretos, mais próximo da realidade, principalmente na alfabetização, para que possam ser identificados pela criança. “Deve ser simples e de manuseio fácil, proporcionando uma prática utilização e não deve oferecer perigo para os alunos”. (Sá et al., 2007, p.27). Os jogos pedagógicos são muito utilizados para trabalhar com alunos com deficiência visual e podem ser facilmente adaptados pelos professores.

As celas são instrumentos que representam, a forma da máquina de Braille e da reglete, onde são feitos os pontos que representam a escrita Braille, para trabalhar com alfabetização Braille podem ser feitas ampliadas para que o aluno com deficiência visual possa perceber os pontos até chegar a escrita padrão, e para isso pode se usar a fava de ovos. Para montar os pontos podem ser utilizados berlindes, tampas de garrafa. Jogos como dominó, xadrez, damas, entre tantos outros jogos podem ser adaptados para serem utilizados pelo aluno com deficiência visual. Estes instrumentos são pertinentes visto que as celas Braille é uma das formas de Tecnologia Assistiva para alunos com Deficiência Múltipla Sensorial (Ribeiro & Cavalcante: 2024).

Para Ventorini; Da Silva & Rocha (2016), as bolas podem ser adaptadas com um pequeno sino, ou um guizo que faça barulho para serem utilizados nas brincadeiras como alerta. A adaptação no elástico para as brincadeiras pode ser feita da mesma maneira como é feita na bola, pendurando objectos que fazem barulho para que o aluno com deficiência visual possa se localizar na actividade.

Para trabalhar com quantidades e medidas podem ser utilizados materiais como garrafas em diferentes medidas como um litro, meio litro, caixas de papel, latas plásticas, com objectos representando a quantidade de objectos escrita em Braille fora da embalagem, fitas métricas e réguas em alto-relevo são de grande utilidade nas actividades em sala.

A falta de conhecimento, de estímulos, de condições e de recursos adequados pode reforçar o comportamento passivo, inibir o interesse e a motivação. A escassez de informação restringe o conhecimento em relação ao ambiente. Por isso, é necessário incentivar o comportamento exploratório, a observação e a experiências para que estes alunos possam ter uma percepção global necessária ao processo de análise e síntese. (Sá et al., 2007, p.21). Como podemos perceber não é tão difícil preparar materiais adaptados, basta interesse, criatividade e

principalmente comprometimento dos educadores para ampliar as possibilidades de aprendizagem dos alunos cegos na escola regular.

2.5 Condições de mobilidade existentes na escola

Segundo Mendonça *et al* (2008), orientação pode ser definida como, o processo que uma pessoa com deficiência visual usa ao mobilizar os sentidos para o estabelecimento da sua posição e relação com todos os objectos significativos no meio envolvente. Neste contexto, os autores afirmam ainda que mobilidade é entendida como a capacidade para deslocar-se no meio ambiente, mantendo a direcção pretendida. Torna-se assim necessário, manter a marcha sem desvios de modo a poder manter a direcção desejada.

Por fim, os autores resumem os conceitos de orientação e mobilidade nos seguintes termos:

“como área curricular específica que tem como finalidade ajudar o aluno cego e/ou com baixa visão a construir o mapa cognitivo do espaço que o rodeia e a deslocar-se nesse espaço, servindo-se para isso de um conjunto de técnicas apropriadas e específicas” (Mendonça et al, 2008: 67).

Assim sendo a audição, o tacto e os resíduos visuais quando existam sejam treinados de forma a fornecerem a informação necessária e possível sobre o local onde nos encontramos e o que temos que fazer para alcançar o local pretendido.

Para que as Pessoas com Deficiência Visual possam ter mobilidade condigna é necessário construir modelos geográficos tácteis ou “mapas tácteis” com o objectivo de permitir sua orientação espacial no ambiente urbano, sua percepção ampla do espaço e de seus caminhos rotineiros, facilitando sua mobilidade e autonomia (Trevisan *et al*, 2012).

Trevisan *et al* (2012) citando Wojnacki (1989) apresenta conceitos de:

- a) Orientação: “como sendo a habilidade para reconhecer o meio ambiente e estabelecer sua posição em relação a ele. Isto significa: consciência do corpo, consciência dos objectos e do espaço, comportamento motor perceptual eficaz e adequado uso dos conceitos. Ela é desenvolvida por repetidas experiências sensório-motoras no meio físico”.

- b) Mobilidade: “É a habilidade física para se mover determinadamente, eficientemente, seguramente, pelo meio ambiente e, tão independente quanto possível de um lugar para outro”. Mobilidade envolve: orientação, movimento do corpo, uma razão para se mover (motivação) e comunicação.
- c) Orientação e Mobilidade: “É uma disciplina que tem a finalidade de auxiliar as pessoas visualmente deficientes a desenvolverem ou restabelecerem a capacidade para a motivação independente, eficiente e segura pelos espaços, para satisfazerem suas próprias necessidades”.

Martín e Bueno (1997) nos relembram que as técnicas mais utilizadas para a orientação e mobilidade são as seguintes:

Guia normovisual¹⁰, esta técnica tem uma série de requisitos entre os quais poderemos salientar: a forma como o aluno se apoia no guia; caminhar por lugares planos; alternar o braço.

- ✓ Uso da Bengala branca, a bengala para mobilidade é um instrumento que permite ao indivíduo uma deslocação independente sem necessidade de guia. Através da bengala pode-se, de forma segura, detectar e evitar obstáculos,
- ✓ Técnica em diagonal segura-se a bengala com o braço estendido, mantendo o dedo indicador ao longo do punho desta. A extremidade inferior da bengala situa-se a dois centímetros do chão e o punho e punho fica virado para proteger a mão.
- ✓ Técnica rítmica¹² algumas das características desta técnica: a bengala deve formar um ângulo de 45 graus com o chão, o dedo indicador coloca-se ao longo do punho da bengala, a mão que segura a bengala deve ficar à frente do corpo, a meio, o movimento lateral deve fazer-se com o pulso, com o antebraço imóvel, etc.

Portanto, pelo que foi descrito em relação a orientação e mobilidade, pode-se considerar que no programa específico para criança cega ou deficiente visual grave, é de extrema importância

¹⁰ Técnica que permite ao aluno cego deslocar-se com ajuda de uma pessoa normovisual.

¹² Também chamada técnica dos dois pontos, método de arco ou método Hoover.

contemplar a área da Educação Física, pelo seu papel fundamental na superação das dificuldades de movimento e deslocação inerentes à deficiência visual.

CAPÍTULO III: METODOLOGIA

Neste terceiro capítulo apresenta-se a metodologia que será usada para a efectivação da pesquisa. Faz-se a descrição do local do estudo, do tipo da pesquisa quanto a natureza, abordagem, objectivo e procedimentos. Mais adiante encontramos os instrumentos e técnicas de recolha de dados, da técnica de análise de dados, da população e amostra, dos procedimentos éticos.

3.1 Descrição do local de estudo

A Escola Secundária de Malhazine é uma instituição de Estado sob a tutela do Ministério de Educação e Desenvolvimento Humano. Foi fundada no dia 16 de Fevereiro de 1996. A Escola localiza-se no distrito Municipal ka-Mubukuanano bairro de Malhazine arredores da Cidade de Maputo.

A Escola Secundária de Malhazine lecciona o 1º e 2º Ciclos, possui um conjunto de Instalações que a tornam o local ideal para o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem, nomeadamente: 4 blocos, 20 salas de aula, com capacidade entre 30 a 50 alunos, 6 gabinetes, 7 casas de banho.

No ano de 2022, a escola havia matriculado 2960 alunos, deste universo, a classe em estudo que é a 11ª classe possuía 758 alunos, dos quais 323 homens e 435 mulheres.

3.2 Tipo de pesquisa

3.2.1 Quanto a natureza

A pesquisa quanto a natureza é básica, pois, segundo Gil (1999) objectiva gerar conhecimento novo para o avanço da ciência, busca gerar verdades, ainda que temporárias e relativas, de interesses mais amplos (universalidade), não localizados. Não tem compromisso de aplicação prática do resultado. Pode ser classificada em avaliação e estudo de caso de aluna com deficiência visual, cursando a 11ª classe na Escola Secundaria de Malhazine no ano de 2022. De avaliação porque atribui valor a um fenómeno estudado, necessita de parâmetros bem estabelecidos de comparação ou referência.

Pode ter seu foco nos procedimentos ou nos resultados, dado que, o estudo de caso de caso não é uma técnica específica, mas uma análise holística, a mais completa possível, que considera a unidade social estudada como um todo seja um indivíduo, uma família, uma instituição ou uma comunidade, com o objectivo de compreendê-los em seus próprios termos do que esta a ser vivenciado.

Neste estudo, a pesquisa é de natureza básica, permitirá melhorar a inclusão de alunos com deficiência visual, dado que, através das bibliografias consultadas que versam sobre a matéria e da realidade vivenciada durante a observação no campo, vai gerar novos conhecimentos que servirão de subsídios pedagógicos no ensino deste estrato social.

3.2.2 Quanto a abordagem

A pesquisa quanto a abordagem é qualitativo e quantitativo. Segundo Minayo (2001) a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenómenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. Permite explorar, estudar e interpretar as particularidades de alunos com deficiência visual e suas experiências individuais na inclusão, entre outros aspectos, e o confronto dos dados com questões e preposições orientadoras do estudo.

Para Richardson (1999), a pesquisa quantitativa é caracterizada pelo emprego da quantificação de informações quanto no tratamento delas por meio de técnicas estatísticas. Pesquisa quantitativa permitirá no estudo medir ou quantificar o problema e entender a dimensão da inclusão dos alunos com deficiência visual na escola regular.

3.2.3 Quanto aos objectivos

Para a efectivação deste estudo foi usada a pesquisa exploratória. Segundo Gil (2008), a pesquisa exploratória, tem como objectivo, proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado facto. Este tipo de pesquisa é realizado especialmente quando o tema escolhido é pouco explorado e torna-se difícil sobre ele formular hipóteses precisas e operacionalizáveis.

Pesquisa Exploratória proporciona maior familiaridade com o problema (explicitá-lo). Pode envolver levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas experientes no problema pesquisado. Geralmente assume a forma de pesquisa bibliográfica, o que permitiu este estudo de caso.

Para este estudo, a pesquisa exploratória é de maior contributo, pois, vai permitir uma visão geral da inclusão de alunos com deficiência visual em escolas regulares, identificar os problemas encarados pelos alunos assim como pelos professores que leccionam essas turmas e soluções para a melhoria da qualidade de ensino para a inclusão deste estrato social.

3.2.4 Quanto aos procedimentos e técnicas

Foi uma pesquisa bibliográfica que, segundo Gil (2008) é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no facto de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenómenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar directamente.

Neste estudo a pesquisa bibliográfica permitiu entender ideias para uma inclusão efectiva para alunos com deficiência visual e enfrentar com a real situação da inclusão dos alunos da 11ª Classe e melhor entender e propor as melhores medidas.

3.3 Instrumentos e técnicas de recolha de dados

Para a recolha de dados foram usados o inquérito por questionário, guião de entrevista, guião de observação directa e análise documental.

3.3.1 Inquérito por questionário

Segundo Gil (2011), questionário é a técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas há pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, comportamento presente ou passado etc.

Ainda Gil (2011) avança ainda mais que o questionário pode ser definido como “a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objectivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas entre outros aspectos”.

As respostas a essas questões, proporcionaram os dados requeridos para descrever as características da inclusão dos alunos da 11ª classe da Escola Secundária de Malhazine. O inquérito por questionário será administrado aos alunos sem deficiência, e aos professores.

3.3.2 Guião de entrevista

Para Gil (2011), entrevista é a técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas, com o objectivo de obter dados que interessam à investigação. A entrevista é, portanto, uma forma de interacção social. Mais especificamente é uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca recolher dados e a outra se apresenta como fonte de informação.

A entrevista foi administrada a Direcção da escola e a aluna com deficiência visual pois, possibilitará a obtenção de dados referentes aos mais diversos aspectos da vida escolar. A preferência é por ser uma técnica muito eficiente para a obtenção de dados em profundidade relativa a acessibilidade de alunos com deficiência visual na Escolas Secundária de Malhazine e os dados obtidos são susceptíveis de classificação e de quantificação.

3.3.3 Observação directa

Segundo Gil (2011), a observação é o uso dos sentidos com vistas a adquirir os conhecimentos necessários para o quotidiano e é utilizada como procedimento científico que consiste em ver e ouvir, mas também em examinar factos ou fenómenos que se desejam estudar

Com a observação foram contempladas as técnicas usadas na inclusão ou no atendimento de alunos com deficiência visual no concernente ao acesso ao livro do aluno, como são adaptados os recursos didácticos, quais as estratégias pedagógicas usadas pelos professores, a relação entre alunos inclusos e os restantes da turma e com os demais no pátio escolar, como são administradas

as avaliações, como e feita a selecção, adaptação e confeição dos materiais didácticos e também para as salas de aulas, uma vez que a escola não tem acessibilidade.

3.3.4 Análise documental

Análise Documental é, conforme expressa Sá Silva, Almeida e Guindani (2009) citados pelos

Junior *et al* (2021), “[...] um procedimento que se utiliza de métodos e técnicas para a apreensão, compreensão e análise de documentos dos mais variados tipos”. Dessa forma, a Análise Documental pode ser desenvolvida a partir de várias fontes, de diferentes documentos, não somente o texto escrito, uma vez que excluindo livros e matérias já com tratamento analítico, é ampla a definição do que se entende por documentos incluindo-se dentre eles, leis, fotos, vídeos, jornais, etc.

Assim sendo, a análise documental vai ser a capacidade de consultar nos documentos escritos que versam sobre a temática em estudo.

3.4 Técnica de análise de dados

Após da recolha de dados fez-se análise dos mesmos. Iniciou-se a enumeração das categorias, tendo em conta cada pergunta individualmente e, posteriormente foram construídos quadros de amostra.

Para apurar os resultados, recorreu-se a técnica da análise de conteúdo que permite identificar e sistematizar as características específicas a integrar em cada categoria (Bardin, 1979, p. 42), refere esta técnica como “[...] um conjunto de técnicas de análise de comunicações, visando obter, por procedimentos sistemáticos e objectivos da descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a referência de conhecimentos relativo às condições de produção/recepção de mensagens.”

Para os dados qualitativos serão criadas as categorias de análise de conteúdo assim como análise de discurso, enquanto para quantitativos será através de procedimentos estatísticos.

3.5 População e amostra

3.5.1 População

A População é a totalidade de indivíduos que possuem as mesmas características definidas para um determinado estudo Rudio (1991). A Escola Secundária de Mahlazine possui um total de 3111 pessoas, sendo destes 2960 alunos, 35 professores e 4 membros de Direcção conforme a descrição na tabela da página 35.

Tabela 1: População da Escola Secundária de Mahlazine

POPULAÇÃO	H	M	HM
Direcção da Escola	3	1	4
Professores (11ª classe 2022)	7	11	18
Alunos(8ª à 12ª)incluindo com NEE	1351	1609	2960
Alunos da 11ª classe	323	435	758
Alunos com deficiência Visual		1	
TOTAL			2982

Fonte: elaborado pela autora - 2023

3.5.2 Amostra

Segundo Carmo e Ferreira (1998), a amostra é subconjunto de uma dada população ou universo. Para a realização do presente estudo, a pesquisadora usará a técnica de amostragem por conveniência, que segundo Gil, (2008) é aquele que se selecciona os elementos a que tem acesso no local, admitindo que estes possam de alguma forma, representar o universo.

A amostragem por conveniência é uma técnica de amostragem não probabilística e não aleatória usada para criar amostras de acordo com a facilidade de acesso. Tendo em conta a disponibilidade de pessoas para fazer parte da amostra em um determinado intervalo de tempo. Também qualquer outra especificação prática de um elemento particular.

Tabela 2: Amostra selecionada

AMOSTRA	H	M	HM
Direcção da Escola	3	1	4
Professores	3	4	7
Alunos sem NEE	20	29	49
Alunos com NEE	-	1	1
TOTAL	27	34	61

Fonte: elaborado pela autora

3.6 Procedimentos éticos da pesquisa

O estudo foi feito na Escola Secundária de Malhazine, onde a pesquisadora apresentou o propósito do estudo à Direcção da Escola e solicitou a autorização para a recolha de informação ao longo da investigação. Em seguida, apresentou a credencial. Após autorização da Direcção, estabeleceu-se contacto verbal com os professores que leccionam turma inclusiva da 11ª Classe do ensino regular e que estabeleciam maior correspondência com os critérios estabelecidos para a constituição da amostra, nomeadamente, possuírem na sua turma aluna com DV, informando-os sobre a natureza da pesquisa a desenvolver e procurando saber da sua disponibilidade para nela participarem no estudo.

Antes de iniciar, agradeceu-se a cada um dos participantes a sua disponibilidade em participar do estudo e reiterou-se a confidencialidade das suas declarações e anonimato.

3. 7 Caracterização e especificidade dos resultados

A elaboração desta pesquisa tinha como objectivo geral analisar o processo de Promoção do Programa de Inclusão Escolar dos alunos da 11ª classe com deficiência visual, na Escola Secundária de Malhazine, na cidade de Maputo.

Em relação ao 1º objectivo específico (*descrever o Processo de Ensino e Aprendizagem de alunos com deficiência visual na Escola Secundária de Malhazine em turmas inclusivas*) os dados da pesquisa permitem concluir que o processo de ensino e aprendizagem de alunos com deficiência visual da 11ª classe da Escola Secundária de Malhazine em turmas inclusivas é muito difícil de fazer sua avaliação pelo facto de: Os entrevistados são unânimes primeiro em afirmar que a escola não possui material didáctico, há fraco domínio de metodologias de ensino, as instalações são inapropriadas e a escola não possui fundos direccionados para a formação e capacitação de professores para trabalhar com alunos com NEE's.

Em relação ao segundo objectivo específico (*caracterizar as condições de aprendizagem dos alunos com deficiência visual existentes na escola*) os dados indicam que a Direcção, assim como os Professores não prestam apoio aos alunos com deficiência. Os professores não estão capacitados em trabalhar com turma mista, isto é, uma turma que alberga alunos especiais e outras não especiais. Este fenómeno associado ao número elevado de alunos na turma. Para que os alunos com deficiência visual chegar ao local, este encontra muitas barreiras de acessibilidade, a partir da sinalização dos diferentes locais, a não existência de rampas, a ineficiência dos professores em termos do domínio do sistema de escrita braille etc. A realização de testes, e a leccionação dos conteúdos são feitos de igual maneira para todos e sem respeitar as especificidades dos alunos com deficiência visual.

No referente ao terceiro e último objectivo específico (*discutir as percepções dos professores, gestores escolares e alunos sobre o programa de inclusão escolar dos alunos com deficiência visual*) os dados permitem concluir que os Professores usam como estratégias para ensinar o aluno com deficiência visual as seguintes: a obrigatoriedade de tomar nota pela parte do aluno. A

verificação do caderno pela parte do professor que sirva como evidência da aprendizagem do aluno.

Há falta de consenso sobre o aproveitamento dos alunos tendo em conta as diferentes estratégias usadas pelos professores em sala de aula com aluno com deficiência visual. Assim sendo, é necessário formar os colaboradores das escolas e equipar de ferramentas que possam garantir a inclusão de alunos com NEE.

Existem vários mecanismos que possam permitir no avanço escolar dos alunos com deficiência visual como o caso do uso de berlindes, uso da reglete, uso da fava de ovos, tampas de garrafas, jogo de dominó, xadrez, damas, o toque da sinoleta. Assim sendo, o processo de ensino e aprendizagem deve ser colaborativo, equitativo e igualitário para todos alunos. É com base neste e nos pilares de educação inclusiva, deve pautar pelo desenvolvimento integral e precoce da criança com deficiência, na mudança de valores e atitudes pela parte dos actores pedagógicos.

CAPÍTULO IV: APRESENTAÇÃO E DISCUÇÃO DOS RESULTADOS

Participaram no estudo 4 membros da Direcção da escola, 7 professores que leccionam a turma inclusiva com aluna com deficiência visual, 50 alunos, sendo 49 sem deficiência e 1 com deficiência visual da 11ª Classe em turma regular na Escola Secundária de Malhazine.

Para a recolha de dados foram usados o inquérito por questionário, guião de entrevista e guião de observação directa. O guião de entrevista foi administrado a Direcção da escola e a aluna com deficiência visual, o inquérito por questionário a administrado aos alunos sem deficiência, e aos professores.

4.1 Dados socio demográficos

Esta secção é dedicada aos dados socio demográfico dos professores, Direcção da escola e dos alunos que participaram no estudo, no âmbito da Análise do Programa de Promoção de Inclusão Escolar de Alunos com Deficiência Visual da 11ª Classe em turma regular na Escola Secundária de Malhazine, no Bairro de Malhazine na Cidade de Maputo. O mesmo tem como objectivo analisar o processo de Promoção do Programa de Inclusão Escolar dos alunos da 11ª classe com deficiência visual, na Escola Secundária de Malhazine.

4.1.1 Professores

Esta secção, trás informações referentes ao sexo, idade, grau académico, anos de docência em geral assim como em turma inclusiva e por fim as classes que os professores leccionam. Quanto ao sexo, 43% dos professores são do sexo feminino e 57% do sexo masculino. Relativamente a idade, 50% no intervalo de 26 a 35 anos são do sexo masculino e 50% do sexo feminino e 100% do sexo masculino com mais de 45 anos de idade.

No que tange ao grau académico dos professores que lecciona a turma inclusiva, 100% dos professores são licenciados, destes 25% são do sexo feminino e 75% do sexo masculino. No concernente aos anos de docência 100% dos professores são do sexo feminino no intervalo de 0 – 5 anos, 100% são do sexo masculino no intervalo de 6 – 10 anos e 100% do sexo masculino são de 15 anos em diante de docência em geral.

Relativamente aos anos de leccionação a turma inclusiva da 11ª classe com deficiência visual, na Escola Secundária de Malhazine, 25% dos professores que responderam o questionário sobre a análise do processo de Promoção do Programa de Inclusão são do sexo feminino e 75% do sexo masculino e quanto as classes leccionadas pelos professores que participaram neste no questionário, 100% são do sexo feminino que leccionam a 11ª classe da turma inclusiva da aluna com deficiência visual, na Escola Secundária de Malhazine e 100% do sexo masculino, estes leccionam a 12ª classe na mesma escola.

4.1.2 Direcção da Escola

No que se refere ao sexo dos membros da Direcção da escola, 33% são do sexo masculino e 67% corresponde ao sexo feminino, estes, todos têm a idade superior de 46 anos e são licenciados, um no intervalo de 0 – 5, um de 6 – 10 e um no intervalo 11 – 15 anos de docência.

4.1.3 Alunos da Turma Inclusiva

Dos 50 alunos que participaram no estudo, 30% são do sexo masculino e 70% do sexo feminino, quanto as idades, 94% estão no intervalo de 15 – 18 anos, 4% de 19 anos em diante e 2% sem idades e todos frequentam a 11ª Classe da turma inclusiva.

4.2 PEA de alunos com deficiência visual

Esta secção responde o primeiro objectivo específico (*descrever o processo de ensino e aprendizagem de alunos com deficiência visual na Escola Secundária de Malhazine em turmas inclusivas*), para tal aborda o Processo de Ensino e Aprendizagem da aluna com deficiência visual da 11ª classe, do ponto da vista da Direcção da escola, dos professores, dos alunos sem deficiência e da aluna com deficiência visual.

4.2.1 Dados da Direcção da escola

A questão sobre como e feito o acompanhamento da aluna com deficiência visual na turma, um respondeu que primeiro observava se o aspecto do local de difícil acesso para aluna, e um disse que normalmente os alunos quando são matriculados não se sabem se e com deficiência ou não só

descobre se depois de iniciadas as aulas e faz-se integração e respondeu que de forma aleatória são alocadas em turmas normais e trabalha-se especificamente com elas já na turma inclusiva. Como é feita a distribuição de professores para trabalhar com turmas com alunos com deficiência visual, os membros da Direcção foram unânimes em afirmar que faz-se de forma aleatória, pois, não existem professores formados

Quanto aos principais desafios na inclusão de alunos com deficiência visual, um disse que não tem tido problemas, pois, a aluna tem uma máquina que pode usar, a aluna faz testes e exame orais e escola tem dispensado máquina para os trabalhos e os 2 falaram da falta de professor qualificado e de materiais. No que se refere se a escola recebe algum apoio para trabalhar com crianças com deficiência visual, respondeu que antes sim, mas há bastante tempo que já não recebe.

No que se refere ao nível de preparação dos professores para o PEA de alunos com deficiência visual em turmas inclusivas, constatou-se que um está minimamente preparado na base das pequenas capacitações que tem tido organizados pelo Ministério de Educação e Desenvolvimento Humano (MINEDH), a maior parte dos professores não tem nenhuma formação, mas, dão o seu máximo para que o aluno possa aprender depende de cada professor.

4.2.2 Professores

No que diz respeito ao Processo de Ensino e Aprendizagem dos alunos com deficiência visual da 11ª classe da Escola Secundária de Malhazine verificou-se que os 4 todos possuem formação psicopedagógica, destes 3 sentem-se motivados para frequentar mais acções de formação nesta área e 1 não, 75% e 25% respectivamente, 1 possui formação específica para trabalhar com alunos com deficiência visual e 3 não possuem, correspondente a 25% e 75% respectivamente, ambos foram unânimes em dizer que a aluna com deficiência visual realiza as mesmas actividades que os outros alunos.

No que tange a distribuição dos professores para trabalharem com turmas inclusivas obedece a formação e a experiência dos docentes, 1 respondeu que sim e 3 disseram que não. Todos eles enfrentam algumas dificuldades no processo de ensino e aprendizagem com alunos com deficiência visual referentes: Falta de material didáctico, fraco domínio de metodologias de

ensino, instalações inapropriadas, falta de apoio da Direcção, falta de apoio dos Professores, trabalhar em turma mista, isto é, uma turma com alunos especiais e outros não especiais, associado ao número elevado de alunos na turma, pouco tempo disponível para trabalhar com alunos com deficiência visual e relacionamento conturbado junto dos outros alunos.

Quanto as estratégias que tem desenvolvido para a inclusão da aluna com deficiência visual, 1 diz que pede a aluna para se sentar em frente, 1 respondeu que através da interacção constante com os colegas, 1 não usa nenhuma estratégia e 1 respondeu que a aluna em causa não vê nem um pouco.

No que se refere as estratégias desenvolvidas se contribuem para aprendizagem da aluna com Deficiência Visual, 2 professores afirmam que sim ajudam e 2 dizem que não ajudam e quanto a avaliação feita do desempenho da aluna com Deficiência Visual na turma inclusiva 50% afirmam ser positiva, 25% avalia razoavelmente e 25% não faz nenhuma avaliação. Quanto a existe um trabalho em equipa para atender a aluna com deficiência visual, 75% sem opinião e 25% diz que sim existe um trabalho em equipa.

A questão de como ajustar os conteúdos há necessidades específicas na sala inclusiva da aluna com deficiência visual, 2 professores disseram que dão os conteúdos de forma normal, mas prestando muita atenção nela para perceber se a aluna com deficiência visual realmente aprende, 1 se referiu ao material didáctico apropriado o treinamento dos professores e 1 disse disponibilizando materiais de apoio (maquinas, pautas, etc).

Nota que as estratégias para o processo de inclusão de alunos com deficiência visual usadas no ensino da turma inclusiva não favorecem uma aprendizagem efectiva da aluna com deficiência visual, pois, os professores não foram preparados para atender as necessidades específicas desta aluna.

4.2.3 Dados dos alunos sem Deficiência

Dos alunos que responderam o questionário na questão, estuda ou já estudou com aluna com deficiência visual, 98% responderam que sim e 2% não, quanto as relações da turma com aluna com deficiência 82% afirmam ser boa e 18% sem opinião. Indagados se a aluna com deficiência

visual enfrenta algumas dificuldades no processo de Ensino e Aprendizagem 55% disseram que sim, 10% não e 35% sem opinião. Os que responderam sim apontaram como sendo as principais dificuldades que enfrentam no PEA as seguintes como ilustra a tabela 3:

Tabela 3: dados dos alunos sem deficiência

Falta de material didáctico	26%
Fraco domínio das metodologias de ensino	15%
Bullying	4%
Falta de apoio da Direcção	4%
Fraco acompanhamento dos Pais/encarregado de educação	3%
Turma mista, isto e uma turma com alunos especiais e outros não especiais	10%
Número elevado dos alunos na turma	3%
Pouco tempo disponível para trabalhar com alunos com NEE	6%
Relacionamento conturbado junto dos outros alunos	6%
Sem resposta	22%
Outro – Falta de Carteiras	1%

Fonte: produzido pela autora.

4.2.4 Dados do alunos com Deficiência

Respondendo à pergunta como é a sua relação com alunos da turma, considera sendo bom, pois, relaciona-se bem com os colegas, dado que, já se acostumaram. E o relacionamento com os professores, não tem sido fácil, porque existem professores que não a dão atenção e nem se preocupam consigo.

Sobre como decorre o Processo de Ensino e Aprendizagem, considera ser difícil, porque, alguns professores não explicam bem, e ela gostaria que eles se esforçassem mais para que ela pudesse entender, entretanto, alguns fazem esforço.

4.3 Condições de mobilidade e orientação existentes

Esta secção dedica-se a responder ao segundo objectivo específico (*caracterizar as condições de aprendizagem dos alunos com deficiência visual existentes na escola*), para tal identificou-se e analisou se as condições de mobilidade e orientação existente na escola para alunos com deficiência visual, do ponto de vista da Direcção da escola, dos alunos sem deficiência e da aluna com deficiência.

4.3.1 Dados da Direcção da escola

Referentes as condições de mobilidade e orientação existentes na escola para alunos com deficiência visual, se as salas de aulas estão devidamente equipadas para receber alunos com deficiência visual, a resposta foi unanime em dizer que não, pois que, as salas de aulas não estão equipadas para receber alunos com deficiência visual. Quanto as condições de mobilidade e orientação existem na escola para alunos com deficiência Visual, não existem nenhuma condições, dado que, possui barreiras para a mobilidade orientação para alunos com deficiência Visual e a mesma não foi adaptada para o efeito.

4.3.2 Dados dos alunos sem deficiência

Quanto as condições de mobilidade e orientação existentes, na questão referente ao local a onde costuma sentar a aluna com deficiência visual, 1% disseram afrente, 76% atras, 12% qualquer sítio e 8% sem opinião e se tem prestado alguma ajuda à colega com deficiência visual para circular na escola, 52% responderam que sim e 48% não. Dos que responderam sim, o tipo de ajuda prestado circunscreve-se em:

Tabela 4: Dados dos alunos com deficiência

De casa a escola e vice-versa	8%
Da sala para fora do recinto escolar	20%
Ajudar a chegar a sala	12%
Ajudar a sair do ginásio ate a sala	24%
Ajudar a circular no pátio quando solicita	28%
Sem resposta	12%

Fonte: produzido pela autora.

Os professores dão atenção a aluna com deficiência visual na sala de aulas, 92% responderam que sim e 8% não.

4.3.3 Dados da aluna com deficiência visual

Respondendo à pergunta, se tem tido barreiras de locomoção e circulação no pátio da escola, disse que sim, por isso nunca circula sozinha sem ajuda dos colegas e quanto questão, se a escola possui sinalização para a sua circulação respondeu não saber, pois, nunca se apercebeu.

De acordo com as respostas acima dadas, as condições de mobilidade e orientação existentes na escola, não permitem que a estudante com deficiência visual tenha independência para sua mobilidade e orientação, o que a torna dependente da boa vontade dos colegas.

A escola deveria colocar ao longo do pátio, nas casas de banho e na sala de aula, com descrição braille, áudio descrição e presença de piso tátil. No caso do recinto desta escola, não encontramos esses símbolos que são de extrema importância para acessibilidade.

4.4 Recursos e Organização Educativa de Escola

Nesta secção busca-se responder ao terceiro e ultimo objectivo específico (*discutir as percepções dos professores, gestores escolares e alunos sobre o programa de inclusão escolar dos alunos com deficiência visual*), e para tal, abordou-se os recursos e organização educativa de escola, no que se refere a escola, do ponto de vista da Direcção da escola e dos professores.

4.4.1 Dados da Direcção da Escola

No que se oferece recursos para atender alunos com Deficiência Visual, 2 membros da Direcção disseram que não, 1 disse quem sim e um sem opinião. Se os recursos disponibilizados satisfazem as necessidades da aluna com deficiência visual, um respondeu que não, 2 sem opinião e 1 não respondeu à questão. Quanto aos recursos que a escola disponibiliza, 2 se referiram a máquina a braille e 2 sem resposta para a questão, se a escola recebe algum apoio para o PEA de alunos com deficiência visual, todos os participantes disseram que não sabiam.

4.4.2. Dados dos Professores

Nesta secção vamos abordar sobre os recursos e da organização educativa de escola. No tangente a escola se oferece recursos para atender alunos com Deficiência Visual? Dos professores que responderam o questionário 25% dizem que sim, a escola se oferece recursos para atender alunos com Deficiência Visual, 25% sem nenhuma opinião e 50% dizem que não a escola se oferece recursos para atender alunos com Deficiência Visual.

No que se refere aos recursos disponibilizados se satisfazem as necessidades da aluna com deficiência visual? Dos entrevistados 25% não responderam à questão, 25% dizem que não satisfazem e 50% sem nenhuma opinião. Quanto aos recursos que a escola disponibiliza 50% se referiram a máquina em braille, 25% não responderam à questão e 25% sem comentários sobre o assunto. Na pergunta sobre se a escola recebe algum apoio para o PEA de alunos com deficiência visual? Dos professores que responderam o questionar 100% dizem que a escola não recebe algum apoio para o PEA de alunos com deficiência visual.

Concluimos que a Escola Secundária de Malhazine, no Bairro de Malhazine na Cidade de Maputo, no que tangem aos recursos e da organização educativa de escola, a mesma só possui uma máquina em braille e não esta preparada para uma inclusão propriamente dita dos alunos com deficiência visual.

CAPITULO V: CONCLUSÃO E RECOMENDAÇÕES

5.1 Conclusão

A presente pesquisa visa analisar o Processo de Promoção de Programas de Inclusão Escolar dos alunos da 11ª classe com deficiência visual. A pesquisa foi desenvolvida na escola secundária de Malhazine, na cidade de Maputo.

Ao longo do estudo fomos percebendo que, tanto a escola como a turma em causa, existia apenas uma aluna com deficiência visual. Mesmo com a presença desta aluna, a escola não tinha condições suficientes para atender esta aluna.

Não tendo a capacidade da escola em não atender alunos com deficiência visual foi-se levantando diferentes inquietações numa altura em que se propala sobre a inclusão de alunos na escola, em especial os alunos com necessidades educativas especiais. Para se ultrapassar este cenário, seria importante formar e capacitar alguns professores para que estes trabalhem com a deficiência visual, aquisição de material didáctico adaptável com cada tipo de deficiência visual e outro tipo de deficiência.

A existência de turmas enormes é um dos factores que desvia atenção para com a aluna com deficiência visual, visto que, estes alunos precisam de mais tempo e de muita atenção para assimilação dos conteúdos, diversificação das estratégias de ensino predominantemente visuais. Os conteúdos em causa devem ser adaptados por meios de descrição, informação táctil, auditiva, olfactiva entre outros, que possam facilitar a aprendizagem do aluno.

Para que este processo de aquisição de conhecimento ocorra é necessário que o professor seja equipado de ferramentas e de material didáctico capaz de responder todas essas ansiedades.

Dos professores entrevistados e por não domínio e desconhecimento das diferentes estratégia e pela falta de material, estes a quando da entrevista, responderam de que, a escola não esta preparada para atender alunos com deficiência visual, afirmando que na escola possui um universo de 2960 alunos e uma turma chega a constituir entre 50 aos 60 alunos. Com este número de alunos, tornaria difícil dar atenção a uma aluna com deficiência visual. Este cenário mostra claramente da não existência de inclusão na sala de aulas.

Para que haja inclusão é necessário dar a mesma atenção a todos os alunos. Um aspecto muito importante relatado no terreno é de que, para a aluna com deficiência visual não tem saído da sala de aula a quando do seu intervalo pela falta de sinalização. Com a sinalização, permitiria a mobilidade desta aluna. Considerando que, a existência de mobilidade seria necessário que a escola possuísse sinalização de todo o recinto escolar e das salas de aula. Não existindo a sinalização a aluna vem-se bloqueada do direito de brincar e de troca de experiências com outros colegas.

Contudo, a escola não possui programas de inclusão de alunos com deficiência visual. Para que existam esse programa é necessário que a escola, crie esforços para que este grupo de alunos tenha os mesmos direitos com os demais alunos que frequentam nesta mesma escola.

Limitar educação para estes alunos é impedir o acesso a globalização que é o conhecimento ao mundo, visto que, a educação é um direito para todos.

Assim sendo, a educação inclusiva ou existência de programas inclusivos devem responder as necessidades educativas e/ou devem responder as especificidades de cada aluno. Visto que, estes alunos tenham direitos iguais a quando desfrutam do mesmo espaço quando ocorre o processo de ensino e aprendizagem. Seria necessário a integração adequada, independentemente de suas limitações e particularidades. Este processo deve potencializar convívio social, respeitar a diferença, o respeito para com o outro e sem ferir os seus direitos de aprendizagem. Isto só é possível através da escola formar e capacitar os professores, da existência de material didático adaptável e a sinalização do recinto escolar.

1.2 Recomendações

Recomendamos a Direcção da escola, ao MINEDH e aos pais:

- Que esta possa encontrar mecanismos juntos ao ministério de tutela para a capacitação e formação de professores no uso do sistema de escrita braille;
- Os professores sejam agentes de mudanças no processo de ensino e aprendizagem o que vai permitir caminhar a uma escola inclusiva onde, todos os alunos participam de igual forma;
- A escola deve encontrar formas de aquisição de materiais didácticos adaptados e escritos com o uso do sistema de escrita braille;
- A escola deve sinalizar os diferentes espaços existentes no recinto escolar, a partir das salas de aula, das casas de banho, das lanchonetes e no campo de futebol.
- Aos pais, que possam advogar juntos ao ministério de Educação e Desenvolvimento Humano a equiparem as escolas e a darem condições de ensino adequadas aos seus filhos; Coagir a capacitar e formar os professores em matéria de NEE's.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Atlas Gil, A.C. (2008) *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6.ed. São Paulo: Atlas.
- Bardin, L. (1979). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Battistella, L. R. (2013). *Conceito de deficiência segundo a convenção da ONU E OS CRITÉRIOS DA CIF*. Brasília. Acessado em https://www.desenvolvimentosocial.sp.gov.br/a2sitebox/arquivos/documentos/274.pdf_fas_12h06.
- Belmiro, J. (2019). *A Valorização do Braille na Educação*. Palestra Proferida no Seminário de Biblioteca Braille, Natal, Rio de Janeiro, 5/6 de Setembro de 2019. Disponível em: <http://www.cantinhodapandora.html>.
- Bernardo, F.G. Garcez, W.R. ...Rodrigo C.S. (2019). *Recursos e Metodologias Indispensáveis ao Ensino de Matemática para Alunos com Deficiência Visual*: Revista de Educação, Ciências e Matemática v.9 n.1 jan/abr 2019 ISSN 2238-2380.
- Bersch, R. (2017). *Introdução À Tecnologia Assistiva: Tecnologia e Educação*. Porto Alegre • RS.
- Carlassoli, A.L.P. (2012) *A Inclusão de Educandos com Deficiência Visual na Rede Regular de Ensino*. Disponível em <http://www.proinesp.ufrgs.br/files/palestras/palestraadilson.pdf>.
- Carlos, A. (2008). *Como elaborar projetos de pesquisa*.4. ed. São Paulo, Atlas.
- UNESCO (1990). *Conferência de Jomtien: Declaração Mundial sobre Educação para Todos*. Tailândia.
- Correia, L. M. Org. (2003) *Educação Especial e Inclusão: quem Disse que uma Sobrevive sem Outra Não está no Seu Perfeito Juízo*. Porto: Porto Editora. Lda.
- Coutinho, C. P. (2011). *Metodologia de investigação em ciências sociais e humanas*. Coimbra: Editora Almedina, S.A.
- UNESCO (2000). *Declaração de Dakar “Educação Para Todos”*. Senegal.
- ONU (1948). *Declaração Universal dos Direitos Humanos*. Genebra.

Decreto nº 53/2008, de 30 de Dezembro que aprova o “Regulamento de Construção e Manutenção dos Dispositivos Técnicos de acessibilidade, Circulação e Utilização dos Sistemas de Serviços e Lugares Públicos a Pessoa Portadora de Deficiência Física ou de Mobilidade Condicionada”.

DEE/MINED (2020). *Estratégia da Educação inclusiva e desenvolvimento da Criança com deficiência 2020-2029*. Maputo.

Dinalivro. (1997). Instituto Benjamin Constanta. *Revista Benjamin Constanta*. Rio de Janeiro: Vol. 3, nº 6, 1997.

Diploma Legislativo n.º 2.288/62 de 25 de Setembro.

Diploma Ministerial nº 19/2011 que cria os CREI-Centros de Recursos para a Educação Inclusiva.

Dos Santos, R. F., Sampaio, P. Y. S., Sampaio, R. A. C., Gutierrez, G. L. & Almeida, M. A. B. (2017). *Tecnologia assistiva e suas relações com a qualidade de vida*. Rev Ter Ocup Univ São Paulo.

Gil, A. C. (1999). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 5.ed. São Paulo:

Gil, A.C. (2011) *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 7.ed. São Paulo: Atlas.

Guebert, M. C.C. & Rodrigues, M. A. (2021). *Sistema educativo em Moçambique: as estratégias internacionais de inclusão*. São Paulo. Bauru, v. 9, n. 1, p. 255-274.

Junior, E. B. L., de Oliveira, G. S., dos Santos, A. C. O., & Schnekenberg, G. F. (2021). *Análise documental como percurso metodológico na pesquisa qualitativa*. Cadernos da FUCAMP. 20(44).

Lacerda, S.A.C.L ; Sousa, Ivaldo Silva, I. A (2016). *inclusão de alunos com deficiência visual no âmbito escolar*. Estação Científica. v. 6, (UNIFAP), Macapá.

Lei nº 18/2018, de 28 de Dezembro, Lei do Sistema Nacional de Educação.

Lei nº 6/92, de 6 de Maio, Lei do Sistema Nacional de Educação.

Marconi, M. de A. & Lakatos, E. M. (2011). *Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projecta e relatório, publicações e trabalhos científicos*.

7ª Edição. São Paulo: Atlas.

Martin, M. B.; Bueno, S. T. (1997) in: Bautista, R. (Coord.). *Necessidades Educativas Especiais*. Lisboa:

Mendonça, A.; Miguel, C. et al (2008). *Alunos Cegos e com Baixa Visão. Orientações Curriculares*. Lisboa.

Minayo, M. C.S. (1994). *O desafio do conhecimento*. 6. ed. São Paulo, HUCITEC.

Minayo, M.C.S.org.(2001).*Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade*. 18 ed. Petrópolis: Vozes.

Ministério da Educação (2019). *Como está sendo feita a inclusão de alunos com deficiência que nunca tiveram contacto com as classes regulares? É necessário algum tipo de adaptação?*Sd. Disponível em: Acesso em: 10 Set. 2019.

Ministério da Educação e Cultura. *Censo Escolar da Educação Básica 2012 - Resumo Técnico*. Disponível em:

[http://download.inep.gov.br/educaçãobásica/censoescolar/resumos tecnicos/resumo técnico_censo_educacão_basica_2012.pdf](http://download.inep.gov.br/educa%C3%A7%C3%A3o_b%C3%A1sica/censo_escolar/resumos_tecnicos/resumo_t%C3%A9cnico_censo_educac%C3%A3o_basica_2012.pdf) - Acesso em: 25/05/2019.

MMCAS (1999). *Política da Pessoa Portadora de Deficiência*. Moçambique

Moçambique (2004). *Constituição da República de Moçambique*.

OMS (2012). *Relatório mundial sobre a deficiência* / World Health Organization, The World Bank; tradução Lexicus Serviços Lingüísticos. - São Paulo: SEDPcD.

Renata, R.C. (2005). *Processo de Inclusão do Deficiente visual: Limites e Avanços*, Brasília.

Ribeiro, M. A. T. & Cavalcante, L. C. (2024). *O uso de cela braile ampliada como tecnologia assistiva por pessoas com deficiência múltipla sensorial*. CIDENDI. V

congresso internacional de educação e V jornadas de Educação Chilena Brasileira de Educação inclusiva.

Richardson, R. J. (1999). *Pesquisa social: métodos e técnicas*. 3. ed. São Paulo: Atlas.

Rudio, F. V. (1985). *Introdução ao projecto de pesquisa científica*. 9. ed. Petrópolis: Vozes.

Runho, M. M. G. (2006). *Educação infantil: saberes e práticas da inclusão: dificuldades de comunicação sinalização: deficiência visual*. 4. ed. Brasília, MEC/Secretaria de Educação Especial,.

Sá, E. D. de; Campos, I. M. de & Silva, M. B. C. (2007). *Atendimento educacional especializado:*

deficiência visual: formação continuada e a distância de professores para o atendimento educacional especializado: deficiência visual. Brasília, DF: SEESP/SEED/MEC,

Santos, V. N. (2015). *Processo de Inclusão de Alunos com Deficiência Visual: um Estudo em uma Escola Pública da Comunidade de Pindorama Iuíú, BAHIA Brasilia*.

Silveira, D. T; Códova, F. P. (2009). *Métodos de Pesquisa*. Porto Alegre: Editora de UFRGS

Trevisan, E., Ballin. E., Bauml, D., M., Zelaga, G., T. & Couto, L., C. B. (2012). *Educação para a Mobilidade de Pessoas com Deficiência Visual: Desenvolvimento de Modelos Táteis para Representação de Áreas Urbanas como Instrumento para Orientação e Inclusão: O Método Trevisan-uma Proposta*. Acessado em

https://www.iiis.org/CDs2012/CD2012SCI/SIECI_2012/PapersPdf/XA327NH.pdf

UN (2006). *Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência*. Londres.

UNESCO (1994). *Declaração de Salamanca*. Espanha

Ventorini, S. E. Da Silva, P. A. & Rocha (2016). *Deficiência visual, práticas pedagógicas e material didático*. 1ª Edição. São João del-Rei.

Wolfendale, S. (1993). *Fazer com que o Meio Escolar e Familiar vá ao Encontro das Necessidades das Crianças*: In Integração Escolar. Edição Universidade técnica de Lisboa.

Apêndice 1: questionário dirigido ao professor

Caro Professor!

Este questionário surge no âmbito da Análise do Programa de Promoção de Inclusão Escolar da Aluna com Deficiência Visual da 11ª Classe em turma regular na Escola Secundária de Malhazine, no Bairro

de Malhazine na Cidade de Maputo. O objectivo do mesmo é *analisar o processo de Promoção do*

Programa de Inclusão Escolar dos alunos da 11ª classe com deficiência visual, na Escola Secundária de Malhazine. Toda a informação será confidencial e agradecemos antecipadamente pela colaboração.

Secção A: DADOS PESSOAS E PROFISSIONAIS

A1. Sexo: Masculino _____ Feminino _____

A2. Idade: 18 – 25anos ____ 26 – 35anos ____ 36 – 45anos ____ mais de 45anos ____

A3. Grau académico: Básico ____ Médio ____ Licenciado ____ Mestrado ____

A4. Anos de docência em geral: 0 – 5anos ____ 6 – 10anos ____ 11 – 15anos ____ Mais de 15 anos ____

A5. Anos de docência na turma inclusiva: 0 – 5 anos ____ 6 – 10anos ____ 11 – 15anos ____ Mais de 15 anos_

SECÇÃO B: Processo De Ensino E Aprendizagem De Alunos Com Deficiência Visual

1. Possui formação psicopedagógica?

- a) Sim _____
- b) Não _____
- c) Sem Opinião _____

2. Já trabalhou com alunos com de deficiência visual?

- a) Sim _____
- b) Não _____
- c) Sem Opinião _____

3. Possui formação específica para trabalhar com alunos com deficiência visual?

- a) Sim _____
- b) Não _____
- c) Sem Opinião _____

4. A aluna com de deficiência visual realiza as mesmas actividades que os outros

alunos?

- a) Sim _____
- b) Não _____
- c) Sem opinião _____

5. Enfrenta alguma dificuldade no Processo de Ensino e Aprendizagem com aluna com deficiência visual?

- a) Sim _____
- b) Não _____
- c) Sem Opinião _____

6. Se sim, quais são as principais dificuldades que enfrenta no PEA da aluna com deficiência visual?

(pode assinalar mais de uma resposta).

- a) Falta de material didáctico _____
- b) Fraco domínio das metodologias de ensino _____
- c) Instalações inapropriadas _____
- d) Falta de apoio da Direcção _____
- e) Falta de apoio dos professores _____

- f) Número elevado de alunos na turma _____
- g) Pouco tempo disponível para trabalhar com a aluna com deficiência visual _____
- h) Relacionamento conturbado junto dos outros alunos _____
- i) Outra, qual?

SECÇÃO C: Recursos E Organização Educativa De Escola

1. A escola disponibiliza recursos para atender alunos com deficiência

visual? a) Sim _____

- b) Não _____
- c) Sem Opinião _____

2. Se sim, os recursos disponibilizados satisfazem ao PEA da aluna com deficiência visual?

- a) Sim _____
- b) Não _____
- c) Sem Opinião _____

3. Que recursos a escola disponibiliza? (pode assinalar mais de uma opção)

- a) Softwares leitores de tela _____
- b) Leitores de texto _____
- c) Ampliadores de tela _____
- d) Impressoras braile _____
- e) Outro?
- f) Qual _____

4. A escola recebe algum apoio para o PEA de alunos com deficiência visual?

- a) Sim _____

- b) Não _____
- c) Não sei _____

5. *Se sim que tipo de apoio?*

- a) *Em Material didático* _____
- b) *Financeiro* _____
- c) *Outro* _____
- d) *Qual?* _____

SECCÃO D: Estratégias Para O Processo De Inclusão Da Aluna Com Deficiência

1. *Que estratégias tem desenvolvido para a inclusão da aluna com deficiência visual?*

- a) Transcreve os materiais em Braille _____
- b) Pede para a aluna sentar a frente _____
- c) Usa equipamentos específicos _____
- d) Outra,
- e) qual? _____

2. *As estratégias desenvolvidas contribuem para a aprendizagem da aluna com deficiência visual?* a) Sim _____

- b) Não _____
- c) Não sei _____

3. *Que apreciação faz do desempenho da aluna com deficiência visual na turma? inclusivas?* a) Positiva _____

- b) Negativa _____
- c) Sem Opinião _____

4. *Existe um trabalho em equipa para atender a aluna com Deficiência Visual?* a) Sim _____

- b) Não _____
- c) Sem opinião _____

Apêndice 2: Guião de Entrevista à Direcção da Escola

Caro gestor!

Este questionário surge no âmbito da Análise do Programa de Promoção de Inclusão Escolar da Aluna com Deficiência Visual da 11ª Classe em turma regular na Escola Secundária de Malhazine, no Bairro de Malhazine na Cidade de Maputo. O objectivo do mesmo é *analisar o processo de Promoção do Programa de Inclusão Escolar dos alunos da 11ª classe com deficiência visual, na Escola Secundária de Malhazine.*

Toda a informação será confidencial e agradecemos antecipadamente a sua colaboração.

SECÇÃO A: DADOS PESSOAS E PROFISIONAIS

A1. Sexo: _____

A2. Idade _____

A3. Grau académico _____

A4. Anos de experiência como Director: _____

SECÇÃO B: Processo de Ensino e Aprendizagem de alunos com deficiência visual

1. *Que tipo de trabalho a escola tem desenvolvido para inclusão da aluna com deficiência visual?*

2. *Quais tem sido os principais desafios na inclusão da aluna com deficiência visual?*

3. *Tem recorrido a algum apoio externo para o trabalho com aluna com deficiência visual? Qual?*

4. Que avaliação faz de desempenho dos professores no PEA da aluna com deficiência visual ?

SECÇÃO C: Condições de Mobilidade e Orientação Existentes na Escola

1-Que tipo de equipamento as salas de aulas possuem para receber aluna com deficiência visual?

2. Que tipo de facilidades são colocadas á esta aluna para que a sua mobilidade seja flexível na sala de aulas e no pátio escolar?

SECÇÃO D: ESTRATÉGIAS USADAS NO PROCESSO DE INCLUSÃO DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA VISUAL

- 1. Como é que os professores orientam o PEA para a aluna com deficiência visual em turmas inclusivas?**

- 2. Que estratégias são adoptadas para permitir a aprendizagem da aluna com deficiência visual?**

- 3. Que apreciação faz das estratégias adoptadas pelos professores no PEA dos alunos com deficiência visual?**

- 4. O que acha que pode ser feito melhor para apoiar o PEA da aluna com deficiência visual?**

Apêndice 3: Guião de entrevista dirigido à aluna com deficiência visual

Cara Aluna!

Esta entrevista surge no âmbito da Análise do Programa de Promoção de Inclusão Escolar da Aluna com Deficiência Visual da 11ª Classe em turma regular na Escola Secundária de Malhazine, no Bairro de Malhazine na Cidade de Maputo. O objectivo do mesmo é *analisar o processo de Promoção do Programa de Inclusão Escolar da aluna da 11ª classe com deficiência visual, na Escola Secundária de Malhazine.*

Toda a informação será confidencial e agradecemos antecipadamente a sua colaboração.

SECÇÃO A: DADOS PESSOAIS

1. **Sexo:** _____
2. **Idade:** _____

SECÇÃO B: PEA DA ALUNA COM DEFICIÊNCIA VISUAL

1. *Os teus colegas da turma têm te dado algum apoio? Se sim, que tipo de apoio?*

2. *Como tem sido o teu relacionamento com os professores?*

3. *O Processo de Ensino e Aprendizagem é favorável para ti?*

4. *De que disciplina mais gostas?* _____
—

a) *Porquê?* _____

SECÇÃO C: Condições de Mobilidade e Orientação

1. *Como tem sido a sua locomoção e circulação no pátio da escola?*

2. *A escola possui sinalização para a sua circulação?*

3. *Tem enfrentado alguma dificuldade no seu dia-a-dia na escola? Se sim, qual?*

SECÇÃO C: Estratégias Para O Processo De Inclusão De Alunos Com Deficiência

1. *Como é que os professores ensinam?*

2. Consegue apreender com a forma como que os professores ensinam?

**3. Os professores usam algum material adicional para facilitar a sua aprendizagem?
Se sim, que material usam?**

Apêndice 4: questionário dirigido aos alunos sem deficiência visual

Caro Aluno!

Este questionário surge no âmbito da Análise do Programa de Promoção de Inclusão Escolar da Aluna com Deficiência Visual da 11ª Classe em turma regular na Escola Secundária de Malhazine, no Bairro de Malhazine na Cidade de Maputo. O objectivo do mesmo é *analisar o processo de Promoção do Programa de Inclusão Escolar da aluna da 11ª classe com deficiência visual, na Escola Secundária de Malhazine.*

Toda a informação será confidencial e agradecemos antecipadamente a sua colaboração.

Secção A: DADOS PESSOAS

1. **Sexo:** Masculino _____ Feminino _____

2. **Idade:** 13 a 15anos _____ 16 a 18anos _____

SECÇÃO B: PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA

VISUAL

1. *Como tem se relacionado com a sua colega com deficiência visual na sala de aulas?* a) Bem _____
b) Mal _____
c) Sem Opinião _____

2. *Tem colaborado com a colega deficiente visual nas tarefas que os professores atribuem?* a) Sim _____
b) Não _____
c) As vezes _____

3. *A aluna com deficiência visual enfrenta alguma dificuldade no Processo de Ensino e Aprendizagem?*
a) Sim _____
b) Não _____
c) Sem Opinião _____

4. *Se sim, quais são as principais dificuldades que enfrentam no PEA (pode assinalar mais de uma resposta).*
d) Falta de material didático _____
e) Fraco domínio das metodologias de ensino _____
f) Bullying _____
g) Falta de apoio dos professores _____
h) Número elevado de alunos na turma _____
i) Pouco tempo disponível para trabalhar com os alunos com deficiência visual _____
j) Relacionamento conturbado junto dos outros alunos _____
k) Sentimento de inferioridade por parte da aluna com deficiência visual _____ a) Outra, qual?

SECÇÃO C: Condições de mobilidade e orientação existentes na escola

1. *Onde costuma sentar a aluna com de deficiência visual?*

- a) A frente _____
- b) Atrás _____
- l) Qualquer sítio _____
- m) Sem Opinião _____

2. Tens prestado alguma ajuda à colega com deficiência visual para circular na

escola? a) Sim _____

b) Não _____

3. Os professores dão atenção a aluna com deficiência visual na sala de aulas? a) Sim _____

b) Não _____

c) Sem opinião _____

SECÇÃO D: Recursos e Estratégias Pedagógicas

1. A escola disponibiliza recursos para atender alunos com Deficiência visual? a) Sim _____

b) Não _____

c) Não sei _____

1. Se sim, os recursos disponibilizados satisfazem as necessidades dos alunos com deficiência visual?

a) Sim _____

b) Não _____

c) Sem Opinião _____

2. Que recursos a escola disponibiliza? (pode assinalar mais de uma opção)

a) Softwares leitores de tela _____

b) Leitores de texto _____

c) Ampliadores de tela _____

d) Impressoras braile _____

e) Outro _____

f) Qual? _____


3. A escola recebe algum apoio para o PEA de alunos com deficiência visual?

d) Sim _____

e) Não _____

f) Não sei _____

ANEXO: Credencial


**UNIVERSIDADE
EDUARDO
MONDLANE**
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

*Autógrafo
O substituto do
professor
Vance
25-07-22*

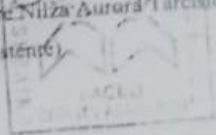
CREDENCIAL

Credencia-se Ana Mariana Maguica Tumbé estudante do curso
de Licenciatura em Organização e Gestão de Educação
a contactar Escola Secundária de Malhegionel
a fim de Recolha de dados referentes à 2ª fase

Maputo, 21 de Julho de 2022¹

A Directora Adjunta para Graduação
Nilza Aurora Tarciso César
Mestre Nilza Aurora Tarciso César
(Assistente)

*Dr. orientador
César
21.07.22
DAS*



¹ (Nome do Estudante)
² (Curso que frequenta)
³ (Instituição de recolha de dados)
⁴ (Finalidade da visita)
⁵ (Data, Mês, Ano)

*21 de Julho 2022
Vance*